

AGROECOLOGIA NA PERSPECTIVA DA COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA: UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ENTRE COAGRICULTORES

AGROECOLOGY FROM THE PERSPECTIVE OF THE COMMUNITY SUPPORTED AGRICULTURE: AN ANALYSIS OF SOCIAL REPRESENTATIONS AMONG CO-FARMERS

Adriana Mônica Pinto de Oliveira 1

Letícia Vitória Pinto de Oliveira 2

Alexandra Magna Rodrigues 3

Suzana Lopes Salgado Ribeiro 4

Resumo: O objetivo desta pesquisa foi investigar as representações sociais de coagricultores da Comunidade que Sustenta a Agricultura do Vale do Paraíba paulista em relação à agroecologia. O estudo foi exploratório e de abordagem qualitativa, dividido em duas fases. Na primeira, aplicaram-se questionários sobre dados sociodemográficos a 38 participantes. Na segunda fase, 16 coagricultores com mais de um ano de participação na comunidade foram entrevistados. Os dados quantitativos foram tratados por estatística descritiva, enquanto os qualitativos foram submetidos à análise de conteúdo e interpretados à luz da Teoria das Representações Sociais. A maioria dos participantes eram mulheres casadas, com idades entre 30 e 50 anos, alto nível de instrução e renda. A motivação para integrar a comunidade estava relacionada à busca por uma alimentação saudável, livre de agrotóxicos e comprometida com a sustentabilidade. Nas representações sociais dos coagricultores, a agroecologia era associada a alimentos orgânicos, saúde e respeito à natureza, estando intrinsecamente ligada a preocupações ambientais e interpessoais.

Palavras-chave: Agroecologia. Representação Social. Comunidade que Sustenta a Agricultura.

Abstract: The aim of this research was to investigate the social representations of co-farmers from the Community Supported Agriculture in the Paraíba Valley, São Paulo, regarding agroecology. The study was exploratory and employed a qualitative-quantitative approach, divided into two phases. In the first phase, questionnaires on sociodemographic data were administered to 38 participants. In the second phase, 16 co-farmers with over a year of participation in the community were interviewed. Quantitative data were analyzed using descriptive statistics, while qualitative data underwent content analysis and were interpreted in light of Social Representations Theory. The majority of participants were married women, aged between 30 and 50 years, with a high level of education and income. The motivation to join the community was related to the pursuit of a healthy diet, free from pesticides, and committed to sustainability. In the social representations of co-farmers, agroecology was associated with organic food, health, and respect for nature, intrinsically linked to environmental and interpersonal concerns.

Keywords: Agroecology. Social representation. Community Supported Agriculture.

- 1 Mestra em Desenvolvimento Humano da Universidade de Taubaté (UNITAU) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7494714789512053>. ORCID: <https://orcid.org/000-0002-8500-6633>. Email: adrianamonica.nutri@gmail.com
- 2 Graduada em Relações Públicas (pela Universidade de Taubaté - UNITAU), Mestranda em Planejamento e Desenvolvimento Regional (pela Universidade de Taubaté - UNITAU). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1810324172662184>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-2832-3297>. E-mail: letvitp@gmail.com
- 3 Mestre em Ciências Aplicadas à Pediatria e Doutora em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo. Graduada em Nutrição pela Universidade Federal de Ouro Preto. É professora adjunta III do curso de Nutrição e no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano: formação, políticas e práticas sociais da Universidade de Taubaté. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3843228032073245>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7143-3258>. Email: alexandramagnarodrigues@gmail.com
- 4 Mestra e Doutora em História Social e graduada em História Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). É professora na Universidade de Taubaté (Unitau) e do Centro Universitário Sul de Minas - UNIS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4781281757036528>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0310-069>. E-mail: suzana.ribeiro@falaescrita.com.br

Introdução

A agroecologia, como campo de conhecimento transdisciplinar, representa uma abordagem que incorpora tanto o pensamento teórico-científico como o pensamento popular básico e prático. O seu objetivo principal é contribuir para o desenvolvimento de agrossistemas sustentáveis, promovendo a conservação da agrobiodiversidade e da biodiversidade em geral, bem como a preservação dos recursos naturais e meios de subsistência (EMBRAPA, 2006, p.26). Este enfoque visa, acima de tudo, mitigar os danos associados ao monocultivo, ao uso de fertilizantes industriais, agrotóxicos e sementes transgênicas (SALES, 2019; AMBIENTE-BRASIL, 2021).

Além disso, a agroecologia se manifesta como uma forma de resistência e resposta às complexas demandas socioambientais, com o propósito de preservar o acesso a alimentos de qualidade e garantir a proteção do ambiente, especialmente em um contexto de desafios como a mudança climática, obesidade e subnutrição, que estão intrinsecamente ligados a questões de saúde, sociais, econômicas e políticas agravadas pela pandemia e pelas desigualdades estruturais no Brasil e no mundo (MATTA *et al.* 2021; SWINBURN *et al.* 2019).

Conforme destacado por Proença *et al.* (2022), sistemas alimentares mais sustentáveis, saudáveis e justos, como os baseados na agroecologia, priorizam a produção e o consumo de alimentos in natura em nível local ou regional, em oposição ao sistema hegemônico caracterizado por altos índices de industrialização, centralização e comodificação dos alimentos processados e ultraprocessados. Esta abordagem reforça a importância da agricultura familiar, desafiando um sistema alimentar historicamente caracterizado pelo monocultivo, produção de *commodities* e concentração da propriedade da terra, que resulta em desmatamento, perda de biodiversidade e exploração dos trabalhadores (OPAS, 2017).

Nesse contexto, a Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) se apresenta como uma alternativa ao modelo predominante de produção, comercialização e consumo de alimentos. A CSA é uma forma de economia solidária que reúne agricultores e coagricultores por meio de relações interpessoais, com o objetivo de produzir alimentos agroecológicos (orgânicos, biodinâmicos, naturais etc.), promovendo uma vida mais saudável, minimizando o impacto ambiental, otimizando o uso da água e recuperando a fertilidade do solo, ao mesmo tempo que assegura dignidade no trabalho no campo (CSA BRASIL, 2021).

Os princípios da CSA incluem o apoio mútuo entre os participantes, a transformação da cultura do preço em cultura do apreço, a diversificação da produção, a promoção de relações interpessoais fraternas e a gestão horizontalizada compartilhada entre os membros, com distribuição de alimentos realizada de forma independente pelos próprios agricultores e coagricultores (CSA BRASIL, 2021).

Os coagricultores, que em uma abordagem convencional seriam considerados consumidores, desempenham um papel fundamental nas CSA. Eles contribuem com doações monetárias para custear os plantios anuais e podem oferecer sua mão de obra de diferentes maneiras, administrativamente, educativamente e de outras formas. Essa parceria entre as famílias de agricultores e coagricultores fortalece a importância social dos agricultores e fornece segurança em relação aos rendimentos e prejuízos decorrentes de fatores naturais, garantindo que os agricultores se sintam valorizados e apoiados (GAIGER; KUYVEN, 2019).

Diante da relevância deste modelo agroecológico, orgânico, familiar e economicamente sustentável, surge a necessidade de explorar as representações sociais (RS) sobre a agroecologia entre os coagricultores que participam das CSA. As RS são entendidas como uma “modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos” (MOSCOVICI, 2004, p. 26). Elas são moldadas por conhecimentos extraídos da experiência cotidiana e por significados historicamente consolidados.

Para Jodelet (2017, p. 24), os fenômenos que constituem as representações sociais são “[...] produtos mentais que podem ser abordados no plano individual e coletivo, enquanto sistemas de conhecimentos; saberes e significados”. Jodelet explica cada um destes sistemas: o conhecimento é prático e objetivo, criado a partir do saber positivo, já o pensamento é subjetivo e experiencial, responsável por tornar a vida consciente, comunicável, compartilhável e compreensível. Em resumo, o saber é o processo que permite ao mesmo tempo a modificação do sujeito e a construção do

objeto. Essa diferenciação favorece o entendimento de “[...] como os sujeitos dão sentidos à sua prática e sua experiência no mundo social da vida” (JODELET, 2017, p. 25).

As Representações Sociais (RS) surgiram a partir do pensamento do sociólogo Serge Moscovici, na França. Este conceito refere-se a conhecimentos práticos que emergem nas interações do senso comum, sendo moldadas pelo conjunto de ideias provenientes da vida cotidiana. Elas se desenvolvem nas relações estabelecidas entre indivíduos ou por meio de interações grupais (MOSCOVICI, 2012; SÁ, 1995).

Portanto, neste estudo, buscamos compreender as representações sociais que os coagricultores na região do Vale do Paraíba paulista têm acerca dos princípios que envolvem a CSA e a agroecologia, considerando sua importância na promoção de sistemas alimentares sustentáveis e justos.

Metodologia

Este estudo aborda as RS como formas coletivamente elaboradas e sustentadas de conhecimento, sendo investigadas por meio de uma pesquisa social com abordagem plurimetodológica. A pesquisa é caracterizada como transversal, exploratória e quali-quantitativa e foi aprovada pelo Comitê de ética (Cep n.5.583.406). O universo da pesquisa inclui coagricultores de CSA em Monteiro Lobato, São José dos Campos e Taubaté, com amostras por conveniência determinadas pela adesão dos coagricultores interessados. Todos os coagricultores foram convidados para a primeira etapa via WhatsApp, preenchendo um questionário. Para a segunda etapa, as entrevistas (semiestruturadas) foram realizadas com coagricultores ativos há mais de um ano, visando familiaridade com as CSA. A amostra de entrevistados foi definida pela saturação, suspendendo a inclusão de novos participantes com base na redundância ou repetição persistente na coleta de dados, de acordo com Fontanella, Ricas e Turato (2008).

Os participantes que concordaram em participar da pesquisa leram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido no formulário do Google Forms e clicaram no link “Aceito participar voluntariamente da pesquisa”. Após essa etapa, preencheram o questionário desenvolvido. As entrevistas foram agendadas e realizadas presencialmente conforme um roteiro preestabelecido.

Os dados quantitativos do questionário sociodemográfico foram compilados no Microsoft Excel®, permitindo a caracterização da população quanto a faixa etária, sexo, grau de escolaridade, entre outros. As entrevistas foram analisadas utilizando a análise de conteúdo (BARDIN, 2016), uma ferramenta ampla e adaptável a diversas formas de análise da comunicação. Essa análise, dividida em pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação, foi escolhida devido à sua adequação aos objetivos do estudo sobre RS.

Desenvolvimento, resultados e discussão

Perfil sociodemográfico dos coagricultores

Participaram respondendo os questionários com as questões quantitativas 38 coagricultores, o que corresponde a 25,67% do número total de coagricultores (148) participantes das 5 (cinco) CSA, considerando que algumas questões não foram respondidas por todos os coagricultores.

Observou-se que 71% (27) dos coagricultores participantes da pesquisa eram mulheres, ressaltando o relevante papel desempenhado por elas na preservação dos conhecimentos e no bem-estar dos demais membros da família, conforme destacado por Lelis (2012). A autora enfatiza a crença persistente de que a segurança alimentar está intrinsecamente ligada à presença e atuação das mulheres.

A predominância feminina na participação da pesquisa pode ser atribuída, em parte, ao fato de que muitas responsabilidades domésticas, como o abastecimento da casa com alimentos e a preparação das refeições, recaem sobre as mulheres. Esse contexto pode ter influenciado a maior presença delas como respondentes da pesquisa, dada a centralidade de suas funções no âmbito

doméstico.

Outro aspecto relevante para compreender esse dado é o contexto apresentado por Torrencilhas (2022), que evidencia um aumento na predominância de mulheres chefes de domicílios urbanos, passando de 22,2% para 38,8% entre 2000 e 2013. Essa mudança de cenário destaca uma tendência nacional na qual as mulheres assumem papéis culturais relacionados à alimentação e aos cuidados familiares, sendo as principais responsáveis pelos lares.

Assim, a presença majoritária de mulheres entre os coagricultores se alinha a um padrão mais amplo de participação feminina em atividades que envolvem a sustentabilidade alimentar e o cuidado familiar, refletindo as transformações culturais e sociais observadas ao longo do tempo.

Quanto à faixa etária dos participantes, a média de idade foi de 45 anos, sendo a idade mínima 28 anos e a idade máxima 72 anos (Tabela 1).

Tabela 1. Faixa etária dos coagricultores de CSA. Vale do Paraíba paulista, 2023

Idade	Coagricultores	%
21 a 30 anos	4	10,52
31 a 40 anos	10	26,32
41 a 50 anos	15	39,48
51 a 60 anos	6	15,79
61 + anos	3	7,89
Total	38	100,00

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Conforme encontrado no estudo, 25 coagricultores tinham entre 31 e 50 anos. Esse dado sugere que o conjunto de coagricultores entrevistados consiste em indivíduos em plena faixa etária economicamente ativa. Essa característica torna plausível a hipótese de que esses participantes tenham alcançado um status financeiro que lhes permite não apenas apoiar, mas também se envolver ativamente em iniciativas de economia solidária, como é o caso da CSA.

Neste estudo, 24 (63%) coagricultores são casados ou vivem juntos. No que tange à escolaridade dos participantes, destaca-se o fato de que 25 (65,8%) possuem graduação e pós-graduação, dos quais 10 (26,3%) com títulos de mestrado e doutorado, conforme a Tabela 2.

Tabela 2. Grau de escolaridade dos coagricultores de CSA. Vale do Paraíba paulista, 2023

Grau de escolaridade	Participantes	%
Ensino Superior Incompleto	3	8,3
Ensino Superior Completo	13	34,2
Pós-graduação Lato sensu	12	31,6
Mestrado	6	15,8
Doutorado	4	10,1
Total	38	100

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Os dados apresentados na tabela revelam um perfil educacional notavelmente distinto da média da população brasileira. No país, a parcela de indivíduos com 25 anos ou mais que concluíram pelo menos o ensino médio aumentou de 47,4% em 2018 para 48,8% em 2019, enquanto a proporção de pessoas com ensino superior completo cresceu de 16,5% para 17,4% no mesmo período. Esse cenário contrasta significativamente com a formação dos coagricultores analisados, que exibem níveis educacionais muito superiores à média nacional. Especificamente, 91,7% dos

coagricultores possuem ensino superior completo, com ou sem pós-graduação, em comparação com a média nacional de 15,7% (IBGE, 2017; PEDROSA, 2019).

Estudo de Pedrosa (2019) conduzido em oito CSA em Brasília/DF, focando na escolaridade de 11 coagricultores, revelou que todos possuíam ensino superior completo, sendo que 64% deles possuíam cursos de pós-graduação. Esses resultados corroboram os achados da presente pesquisa, reforçando a predominância de formação acadêmica elevada entre os coagricultores.

Na tabela 3, apresenta-se a renda familiar mensal dos coagricultores das CSA do Vale do Paraíba paulista.

Tabela 3. Renda mensal familiar de coagricultores de CSA. Vale do Paraíba paulista, 2023

Salários mínimo	Participantes	%
De 1 a 3 salários mínimo	5	13
De 4 a 6 salários mínimo	15	41
De 7 a 9 salários mínimo	2	5
De 10 a 12 salários mínimo	6	16
De 13 a 15 salários mínimo	4	11
Mais de 15 salários mínimo	5	14
Total	37	100

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

No escopo desta pesquisa, observou-se que a renda mensal familiar predominante foi de quatro a seis salários mínimos, representando 41% (15), seguida por 10 a 12 salários mínimos, com 16% (6), e mais de 15 salários mínimos, com 14% (5). Ao correlacionar esses dados com informações adicionais sobre trabalhadores ativos nessas localidades, notamos que, conforme a idade aumenta, os rendimentos também crescem. Por exemplo, trabalhadores na faixa etária de 30 a 34 anos têm uma média mensal de R\$1.705,00, enquanto aqueles entre 50 e 54 anos apresentam uma média de R\$2.193,08 (IBGE, 2010).

Em relação aos coagricultores, a renda mensal familiar variou de R\$1.800,00 a R\$20.000,00, com uma média de R\$7.415,84, situando-os em uma posição social destacada. Um aspecto notável é a concentração de rendimentos mais elevados (7 a 15 salários), representando 46% dos coagricultores, com a maioria recebendo entre R\$11.880,00 e R\$21.120,00.

Esses valores colocam os coagricultores em uma categoria restrita da população brasileira, correspondente às classes B, segundo o IBGE, ou Classe Média Alta e Classe Alta, conforme definido pela Secretaria de Assuntos Estratégicos (IBGE, 2021). Outras pesquisas sobre rendimentos mensais dos coagricultores, como as realizadas por Pedrosa (2019) e Torrecilha (2022), corroboram a homogeneidade desse grupo em termos de escolaridade e renda.

É relevante salientar que, o aumento da renda familiar está associado a uma melhoria nas escolhas alimentares, refletindo em maior diversidade e qualidade da alimentação. Indivíduos com recursos financeiros mais elevados têm acesso a opções alimentares mais saudáveis e orgânicas, impactando positivamente na saúde.

Parte superior do formulário

A tabela 4 mostra o tempo de participação dos coagricultores na CSA.

Tabela 4. Tempo de participação na CSA (meses ou anos). Vale do Paraíba paulista, 2023

Tempo	Participantes	%
Menos de 3 meses	2	5
3-6 meses	7	19

6-9 meses	2	5
9 meses a 1 ano	5	13
1-2 anos	9	24
Acima de 2 anos	13	34
Total	38	100

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Verifica-se que os coagricultores participantes desta pesquisa, com uma maior extensão de envolvimento nas CSA, foram também aqueles que demonstraram maior interesse e prontidão em participar da pesquisa. Entre os coagricultores com 1 a 2 anos de experiência, totalizando 9 (24%) participantes, e aqueles com mais de 2 anos, totalizando 13 (34%), observou-se uma participação mais expressiva. Em consonância, Pedrosa (2019), ao investigar CSA em Brasília/DF, destacou que 9% dos entrevistados tinham menos de 1 ano de participação na comunidade, enquanto 64% estavam engajados por mais de 1 ano, 18% por mais de 2 anos e 9% por mais de 3 anos. Esses resultados sugerem que a relação temporal dos coagricultores com as CSA pode influenciar significativamente sua disposição e engajamento em atividades de pesquisa relacionadas à comunidade.

O gráfico 1 mostra a motivação dos coagricultores para se tornarem membros da CSA.

Gráfico 1. Motivações para participação na CSA. Vale do Paraíba paulista, 2023.



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

As razões apontadas pelos participantes do estudo para aderirem a uma CSA foram diversas, destacando-se a busca por alimentos mais saudáveis (92,1%), o desejo de favorecer os agricultores locais (86,8%), a preocupação com o meio ambiente (84,2%), questões políticas, sociais e ideológicas (76,3%), e a valorização da qualidade dos alimentos (60,5%).

A priorização da busca por alimentos saudáveis, a conscientização ambiental e o apoio à agricultura local emergiram como as principais motivações para indivíduos se tornarem coagricultores em uma CSA. Em trabalho de revisão recente sobre as CSA, foram encontrados resultados semelhantes. Os fatores mais citados nesses 19 trabalhos usados como referência no trabalho de revisão foram a preferência por frutas e vegetais frescos da estação, a escolha por alimentos sem agrotóxicos, a preocupação com a saúde. Além disso, houve uma ênfase no fortalecimento da economia local, na promoção de práticas sustentáveis e no suporte à comunidade (TORRECILHAS, 2022).

No contexto específico do Rio de Janeiro, a dissertação de mestrado de Sales (2019) abordou CSA's locais, explorando as motivações dos coagricultores ao se envolverem com essa forma de agricultura. Em termos qualitativos, as respostas obtidas se assemelham de maneira notável aos resultados desta pesquisa. Essas similaridades oferecem orientações valiosas para as análises, especialmente considerando as tendências que indicam uma mudança no padrão de consumo em direção a escolhas mais conscientes, bem como evidenciam uma transição de relações meramente comerciais e lucrativas, comuns em supermercados, para um cenário em que a opção por alimentos saudáveis cria uma abertura social e política, proporcionando a oportunidade de beneficiar os

agricultores locais.

A constatação feita por Sales (2019) de que as motivações para se tornar um coagricultor envolvem não apenas fatores pessoais, mas também uma dimensão social e política, alinha-se aos resultados encontrados no presente estudo. Esse entendimento reforça a ideia de que a escolha por alimentos saudáveis pode servir como um catalisador para novas relações entre diversos atores sociais, com potencial para impactar positivamente a comunidade e o meio ambiente.

Representações sociais sobre agroecologia

Os coagricultores participantes desta pesquisa destacaram a agroecologia como parte integrante de um conhecimento consensual. As informações acerca da agroecologia foram disseminadas entre os membros do grupo, incluindo coagricultores e agricultores, além de serem obtidas por meio de diversos meios de comunicação, como jornais, revistas, internet e televisão. As Representações Sociais (RS) emergem como construções de referências que norteiam as discussões e posicionamentos do grupo. Embora tais referências não determinem de maneira absoluta o conteúdo do conhecimento, proporcionam condições para sua elaboração (WACHELKE; CAMARGO, 2007).

A figura 1 mostra o mapa conceitual das RS sobre agroecologia.

Figura 1. Mapa conceitual– Representação social sobre agroecologia



Fonte: elaborada pela autora (2023).

Inicialmente, ao integrarem a CSA, o grupo associava a agroecologia à produção de alimentos orgânicos e saudáveis. No entanto, à medida que se envolviam nas atividades da comunidade e estabeleciam proximidade com o agricultor e o ambiente de cultivo, os coagricultores adquiriram uma compreensão mais aprofundada das complexidades relacionadas à agroecologia, abrangendo tanto sua cadeia produtiva quanto os aspectos associados ao consumo dos produtos. Essa imersão permitiu uma visão mais abrangente e informada sobre a inter-relação entre práticas agrícolas sustentáveis e a produção de alimentos saudáveis na perspectiva da agroecologia.

“Então, tudo começou como busca pelo alimento orgânico. Hoje em dia, vai além do alimento e do convívio. É também aprendido um dos motivos. No meu processo de envelhecimento, estou buscando coisas que me tirem do meu conforto, tragam coisas que eu não sei.” Coagricultora 3

“Se pensarmos em agroecologia e em economia solidária, elas têm uma grande intersecção, está tudo interligado e é muito maior do que conseguimos enxergar, porque economia solidária é uma forma mais natural que o homem pode se relacionar ao trocar necessidades.” Coagricultor 4

“O que nós chamamos de agroecologia é um resgate de como era antes, já que estamos vivendo um colapso ambiental. A agroecologia é uma forma de cultivar o alimento de

uma maneira que respeite e contribua com a recuperação do território das formas de vida da vegetação, da fauna”
Coagricultor 1

Para o grupo de coagricultores, as RS sobre a agroecologia inicialmente se vinculavam aos alimentos orgânicos, destacando sua função primordial de nutrir o organismo com saúde e qualidade. Além disso, as RS abrangiam conceitos mais amplos, como aprendizado, respeito à natureza, integração e reciprocidade entre o homem e o meio ambiente. A agroecologia, vista como um redesenho dos sistemas alimentares, transcende o estudo e manejo de agroecossistemas, estendendo-se até a mesa dos consumidores. Seu propósito é atingir a sustentabilidade com preservação ambiental, viabilidade econômica e justiça social, fundamentada em um corpo significativo de evidências científicas e empíricas. Este enfoque abrange considerações sobre disponibilidade, acessibilidade, adequação e participação, contribuindo para a realização do direito humano à alimentação adequada (ONU, 2010).

À luz das RS, conforme Bernardino (2017), os coagricultores identificam tanto atributos concretos, como a ausência de agrotóxicos, quanto abstratos, como a promoção de alimentos mais saudáveis. Suas RS refletem uma construção consciente em torno dos potenciais benefícios associados aos alimentos orgânicos, envolvendo não apenas a constituição desses alimentos, mas também os cuidados com a saúde pessoal e familiar. Este percurso reflexivo destaca a importância crucial da agroecologia como um pilar para sistemas alimentares mais sustentáveis e saudáveis.

“Eu acho que a coisa que mais importa é saber que o alimento que estou comendo não está gerando impactos ambientais através do uso indiscriminado de agrotóxicos. Pra mim, é primordial saber que estamos trabalhando a agricultura regenerativa, com respeito pela natureza”, Coagricultora 14.

“É saber que a minha saúde será preservada e que o meu dinheiro não ficará na farmácia,” Coagricultor 2.

“O alimento orgânico para mim é mais saudável, mais saboroso e mais colorido. Dura mais,” Coagricultor 11.

Os benefícios à saúde emergem como elementos salientes nas representações observadas. Nesse contexto, a vinculação da agroecologia ao alimento orgânico, isento de agrotóxicos e considerado saudável, revela um processo de objetivação, onde o conceito de agroecologia é simplificado. A objetivação desempenha o papel de facilitar a comunicação, embora isso ocorra por meio da dissociação de um conceito do quadro científico ou ideológico que lhe confere sentido (ROUQUETTE, 1994 apud VALLE et al., 2022). Algumas narrativas evidenciam que, para os coagricultores, a CSA transcende uma simples relação comercial de compra e consumo, transformando-se em uma interação significativa permeada por respeito e vínculos.

“Eu a vejo como uma oportunidade de ter uma vida mais saudável, de estar no campo e explorar a terra. Experiências assim são muito boas não só para mim, como também para o meu esposo e, principalmente, para meu filho, que tem oito anos.” Coagricultora 11.

“E conhecer quem produz, saber dessa história. Saber sobre o alimento que você consome é muito importante para nós.

Para as minhas filhas, é transformador. Elas perguntam: ‘de onde vem essa beterraba, pai?’” Coagricultor 1.

“A gente tem o contato com o agricultor, então isso, ao longo do tempo, também vai modificando a gente e as nossas interações não só aqui, mas também em outros lugares. Passamos a respeitar e a entender a pessoa que plantou, o local de onde veio o alimento.” Coagricultora 3.

“Mas, quando você vem aprofundando, você começa a notar que aquele agricultor é parte de um processo e que você também é parte daquilo, então deixa de ser meramente a vontade de consumir coisas melhores.” Coagricultor 4.

Nesta pesquisa, constatou-se que os coagricultores que aderiram às Comunidades de Agricultura Apoiada (CSA) não o fizeram com base em um conhecimento prévio da realidade do espaço agrícola responsável por parte de seus alimentos, tampouco possuíam uma compreensão sólida da vida dos agricultores. A transação que ocorre ao adquirirem alimentos de cultivo agroecológico transcende o aspecto meramente financeiro, mas “trata-se, acima de tudo, de uma troca que se baseia em valores humanos, em coisas que têm uma origem, têm um nome, uma biografia alimentar” (SCHNEIDER, 2021, p. 15). Com a convivência nas CSA e a troca de conhecimentos na comunidade, a agroecologia deixa de ser meramente associada ao alimento orgânico benéfico à saúde, expandindo-se para uma compreensão mais abrangente e complexa. Ela passa a abarcar não apenas questões nutricionais, mas também dimensões sociais, econômicas, políticas e ambientais (DAROLT, 2012).

Nesse cenário de intercâmbio e aprendizado, a agroecologia se revela como um sistema intrinsecamente conectado a diversas esferas da vida, transcendendo os limites do simples ato de consumir alimentos. Ela se torna um agente catalisador de mudanças, promovendo não apenas a saúde individual, mas também contribuindo para uma compreensão mais profunda das interações entre a produção alimentar, a comunidade local e o meio ambiente. Dessa forma, as CSA se configuram não apenas como pontos de transação, mas como espaços ricos em experiências, valores compartilhados e conexões humanas. Este contexto ressalta a importância vital de abordagens que vão além da comercialização, priorizando a construção de relações significativas entre agricultores e consumidores, fundamentadas nos princípios da agroecologia.

Conclusão ou considerações finais

O perfil sociodemográfico dos coagricultores nas CSA do Vale do Paraíba paulista revela uma população majoritariamente feminina, com idade economicamente ativa, casada, com elevado grau de escolaridade e renda acima da média nacional. Essas características sugerem um grupo social consciente, engajado em práticas alimentares saudáveis, ambientalmente sustentáveis e comprometido com o apoio à produção local. O estudo destaca a importância de compreender esses perfis para o desenvolvimento de políticas e práticas que promovam a participação e o fortalecimento das CSA, contribuindo para uma alimentação mais saudável e sustentável na região.

Os resultados desta pesquisa proporcionam uma compreensão das RS dos coagricultores em relação à agroecologia, delineando uma evolução significativa ao longo do processo de integração nas CSA. Inicialmente, a agroecologia era percebida de forma simplificada, associada predominantemente à produção de alimentos orgânicos e saudáveis. Entretanto, à medida que os coagricultores se envolviam nas atividades da comunidade, estabeleciam vínculos com agricultores e exploravam o ambiente de cultivo, suas RS ampliavam-se para abranger não apenas aspectos nutricionais, mas também valores humanos, aprendizado, respeito à natureza e integração social.

Destaca-se também a ampliação das RS para além do enfoque inicial em alimentos orgânicos, incorporando considerações sobre sustentabilidade ambiental, viabilidade econômica e justiça

social. A valorização da agroecologia como um processo de redesenho dos sistemas alimentares, além da mera produção, permeia as narrativas dos coagricultores.

A transição narrativa dos coagricultores reflete uma compreensão dos benefícios à saúde, não apenas em termos nutricionais, mas também como parte de um sistema complexo que influencia e é influenciado por diversas esferas da vida. O papel das CSA transcende a mera transação comercial, transformando-se em espaços de aprendizado, respeito, e vínculos humanos profundos.

Este estudo não apenas contribui para a literatura sobre agroecologia e RS, mas também ressalta a importância de abordagens que promovem não apenas a produção de alimentos sustentáveis, mas também relações significativas entre agricultores e consumidores. Ao aprofundar a compreensão das RS dos coagricultores, este trabalho oferece subsídios valiosos para o desenvolvimento de estratégias e políticas que fomentem sistemas alimentares mais justos, sustentáveis e saudáveis.

Parte superior do formulário

Referências

AMBIENTE BRASIL. **Como fazer agroecologia?** 2021. Revista Eletrônica. Disponível em: https://ambientes.ambientebrasil.com.br/agropecuaria/agroecologia/como_fazer_agroecologia.html. Acesso em: 26 jan. 2022.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Trad.: RETO, Luís Antero; PINHEIRO, Augusto. São Paulo: Edições 70, 2016.

BERNARDINO, R. V. **Uma análise sociológica sobre o consumo de alimentos orgânicos a partir das representações sociais dos consumidores das feiras de orgânica do bairro Barro Vermelho em Vitória-ES**. 2015. 232f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas psicol.** Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 513-518, dez. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.2-16>. Acesso em: 08 jun. 2020.

CSA BRASIL. **Comunidade que sustenta a agricultura – Brasil**. 2018. Disponível em: <http://www.csabrasil.org/csa/category/publicacoes>. Acesso em: 29 dez. 2021.

CSA BRASIL. **Comunidade que sustenta a agricultura: da cultura do preço para a cultura do apreço**. 2021. Disponível em: <http://www.csabrasil.org/csa/>. Acesso em: 18 ago. 2021.

CSA BRASIL. 2015. Disponível em: <http://csabrasil.org>. Acesso em: 23 fev. 2021.

CSA BRASIL. Disponível em: <http://www.csabrasil.org/csa/>. Acesso em: 22 fev. 2021.

DAROLT, M. R. **Conexão Ecológica: novas relações entre agricultores e consumidores**. Londrina: Instituto Agrônomo do Paraná, 2012.

EMBRAPA. **Marco referencial em agroecologia**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2006.

FORBELONI, J. V. A representação social da economia solidária. **Divers@ Revista Eletrônica Interdisciplinar**, Matinhos, v. 5, n. 2, p. 1-136, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/diver/article/view/34168/21285>. Acesso em: 17 jul. 2023.

GAIGER, L. I. G.; KUYVEN, P. S. Dimensões e tendências da economia solidária no Brasil. **Sociedade e Estado**, v. 34, n. 3, p. 811-834, set./dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102->

[6992-201934030008](#). Acesso em: 1 set. 2021.

GAIGER, L. I. G.; KUYVEN, P. S. Economia solidária e trajetórias de trabalho. Uma visão retrospectiva a partir de dados nacionais. **Rev. Bras. Ciências Sociais**, v. 35, n. 103, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/3510304/2020>. Acesso em: 18 mar. 2022.

IBGE. **Censo 2010**. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 15 maio 2022a.

IBGE. **IBGE divulga o rendimento domiciliar per capita 2021**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/33026-ibge-divulga-o-rendimento-domiciliar-per-capita-para-2021>. Acesso em: 18 mar. 2023.

IBGE. **Monteiro Lobato**: pecuária. 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/monteiro-lobato/pesquisa/18/16459>. Acesso em: 07 maio 2023.

IBGE. **São Paulo**: Pesquisa cidades do Brasil. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/pesquisa/23/22787?localidade1=354990&localidade2=355410>. Acesso em: 17 mar. 2023.

IBGE. **São Paulo**: Pesquisa de orçamentos familiares. 2017-2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/pesquisa/46/0>. Acesso em: 17 mar. 2023.

IBGE. **São José dos Campos**: Pesquisa de orçamentos familiares. 2017-2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-jose-dos-campos/pesquisa/18/0>. Acesso em: 07 maio 2023.

IBGE. **Taubaté**, 2015. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=355410&search=saopaulo%7Ctaubate%7Cinfograficos:-dados-gerais-do-municipio>. Acesso em: 15 maio 2022b.

IBGE. **Taubaté**: pecuária. 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/taubate/pesquisa/18/16459>. Acesso em: 07 maio 2023.

IBGE. **Cidades e Estados**: São José dos Campos. 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/sao-jose-dos-campos.html>. Acesso em: 07 set. 2023.

JODELET, D. (org.). **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

JODELET, D. **Representações sociais e mundos de vida**. Curitiba: PUCPress, 2017.

KOELZER, L. P.; CASTRO, A.; BOUSFIELD, A. B. S.; CAMARGO, B. V. O “olhar preconceituoso”: Representações sociais sobre fotografias nas redes sociais. **Estudos & Pesquisas em Psicologia**, v. 16, n. 2, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/29169/20640>. Acesso em: 17 jul. 2023.

LELIS, C. T.; TEIXEIRA, C. M. D.; SILVA, N. M. A inserção feminina no mercado de trabalho e suas implicações para os hábitos alimentares da mulher e de sua família. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 95, p. 523-532, out./dez. 2012.

MATTA, G. C.; REGO, S.; SOUTO, E.P.; SEGATA, J. (org.). **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil**: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora Fiocruz, 2021,

MOSCOVICI, S. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes. 2012.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MOSCOVICI, S. **La psychanalyse, son image et son public**. [S.l.]: Presses Universitaires de France, 2004.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

ONU. **Consejo de Derechos Humanos**. “La agroecología y el derecho a la alimentación”, informe del Relator Especial sobre el derecho a la alimentación, Sr. Olivier De Schutter. p.24, 2010. Disponível em: <http://www.srfood.org/es/informes-oficiales>. Acesso em: 24 jun. 2023.

OPAS. **Sistemas alimentares e nutrição: a experiência brasileira para enfrentar todas as formas de má nutrição**. Brasília, DF: OPAS, 2017.

PEDROSA, A. P. P. **Redes agroalimentares alternativas e suas implicações para a política social: as motivações dos consumidores das Comunidades que Sustentam a Agricultura no Brasil**. 2019. 87 f. Dissertação (Mestrado em Política Social) - Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Lisboa, 2019.

PROENÇA, R. P. C. *et al.* Scenario and perspectives of Brazilian food system in face of Covid-19 pandemic. **SciELO Preprints**, 2021.

SÁ, C. P. Representações sociais: o conceito atual da teoria. In: SPINK, M.J.P. (org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva a psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p.19-45.

SALES, R. T. **Comunidade que sustenta a agricultura: uma análise da construção de alternativas para a descentralização do modelo agroalimentar hegemônico, a partir da experiência do CSA organicamente (RJ)**. 2019. 127 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Campos dos Goytacazes, 2019.

SALES, P. C. M. **Sistemas integrados de produção e comercialização de alimentos orgânicos: estudos de caso do assentamento Nova Compuã**. 2020. 105 f. Dissertação (Mestrado em Agronegócios) - Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

SCHNEIDER, S. Circuitos que apontam caminhos para sistemas alimentares mais sustentáveis e inclusivos. In: DAROLT, M. R.; ROVER, O. J. (org.). **Circuitos curtos de comercialização, agroecologia e inovação social**. Florianópolis, SC: Estúdio Semprelo, 2021. Disponível em: https://www.agricultura.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-10/circuitos_curtos_2.pdf. Acesso em: 16 jul. 2023.

SWINBURN, B. A. *et al.* The global syndemic of obesity, undernutrition, and climate change: the lancet commission report. **Lancet**, v. 393, p.791-846, 2019.

TORRECILHAS JUNIOR, A. **Motivações para participar de comunidades que sustentam a agricultura (CSA): uma revisão bibliográfica**. Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/216285>. Acesso em: 15 mar. 2023.

VALLE, P. **Representações sociais de profissionais da educação infantil sobre alimentação escolar**. 2018. 118f. Dissertação. (Mestrado em Educação e Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais) - Universidade de Taubaté, Taubaté, 2018.

Recebido em 22 de maio de 2023.
Aceito em 13 de junho de 2023.